

DESIGUALDADES, VULNERABILIDADES E DIVERSIDADES EM SALA DE AULA

Gustavo Pinto de Sousa

Coronavírus: por que a população negra é desproporcionalmente afetada nos EUA?¹

Entre casos identificados, covid-19 se mostra mais mortífera entre negros no Brasil, apontam dados.²

“Elas circulam pouco nas cidades e têm pouco contato com alguns tipos de vírus e bactérias que já estamos acostumados. Então temos que tomar um cuidado extra para evitar que esse vírus chegue nas populações mais circunscritas”, adverte³

No atual cenário o texto não poderia começar indiferente ao momento em que todos e todas estamos vivendo: *uma pandemia*. Famílias isoladas em casa, médicos, enfermeiros e técnicos nos hospitais, trabalhadores em geral nos mercados e farmácias e nos outros serviços essenciais, como garis, bombeiros e policiais realizando a árdua tarefa de manter a ordem social. Seria uma insensibilidade escrever um texto como se houvesse uma normalidade. Não há!

Três reportagens e um fato: o *covid 19* ou *novo coronavirus*. A primeira reportagem foi publicada em, 13 de abril de 2020, pela BBC News Brasil e informa que a população negra norte-americana apresenta maior mortalidade pelo *coronavírus*. Já a segunda matéria disponível na Folha de São Paulo, em 10 de abril de 2020, analisa que o *covid 19* também é mais letal entre os pretos e pretas brasileiros. Fernando Mena, autor da notícia, aponta que “pretos e pardos são 1 em cada 4 hospitalizados por covid 19, mas 1 em casa 3 mortos”. E, por fim, a nota divulgada pela Faculdade de Medicina da UFMG mostra a preocupação com a manutenção do isolamento social das populações indígenas. O infectologista e professor da UFMG, Unaí Tupinambás, observou que o isolamento social dos indígenas deve ser salvaguardado, pois muitos têm um quadro imunológico diferente das populações urbanas. Todavia, como

¹ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/04/13/coronavirus-por-que-populacao-negra-e-desproporcionalmente-afetada-nos-eua.htm> Acessado em 19abr2020.

² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-apontam-dados-da-saude.shtml> Acessado em 19abr2020.

³ Fonte: <https://www.medicina.ufmg.br/risco-de-disseminacao-da-covid-19-preocupa-lideres-indigenas-e-especialistas/> Acessado em 19abr2020.

podemos refletir sobre esse fato num curso de Relações Etnorraciais e pensar sobre a diversidade em sala de aula?

Infelizmente, o *coronavírus* ou *covid 19*, foi declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020. Ou seja, uma doença que assola distintos países e torna necessário a promoção de políticas públicas para salvar a vida das pessoas. Segundo informações do Ministério da Saúde do Brasil:

os coronavírus são uma grande família de vírus que podem causar desde resfriados comuns até doenças respiratórias mais graves e de importância para a saúde pública como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS). O novo coronavírus descoberto em dezembro de 2019 na China (SARS-CoV-2) é o agente causador da doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19).⁴

Iniciada na província de Hubei, na China, o *covid 19* assumiu escalas transnacionais, rapidamente, em um mundo globalizado. Sua transmissão pelas gotículas expelidas pelo nariz e boca são as principais vias de infecção. As mídias informativas – jornais, telejornais, redes sociais, entre outros – colocaram o *coronavírus* na matéria do dia. Lastimavelmente, assistimos muitas mortes em países como Itália, Espanha, França, EUA e no Brasil. Seus sintomas são múltiplos conforme informam as entidades de saúde. Desde uma “gripe”, como cansaço, dores no corpo, mal estar, congestão nasal, febre, entre outros fatores.

Por enquanto, sua forma de prevenção tem sido a higienização das mãos, o distanciamento, evitar o toque de boca, nariz e olhos e manter os ambientes ventilados. Além disso, quase todos os países adotaram a medida do isolamento social ou *lockdown*. O primeiro como uma medida propositiva em que os Governos incentivam que as famílias fiquem em suas residências a fim de evitar a circulação de pessoas. Enquanto, o segundo como um instrumento de suspensão total das atividades, conforme ocorreu no Reino Unido e em outros países.

Entretanto, por que os negros e indígenas são mais vulneráveis? Todas as três matérias apresentam análises científicas em relação ao covid-19 e que foram expostas, resumidamente, no texto acima. Contudo, a maior letalidade entre os pretos e pardos e a vulnerabilidade dos indígenas é destacada no texto pela questão da desigualdade pelo qual passam essas populações. Como discorreu a professora Courtney Cogburn da Universidade de Columbia a dificuldade dos pretos e pretas americanas em acessar o

⁴ As informações foram extraídas do aplicativo – *app* – do Coronavírus SUS disponível nas plataformas de IOS e Android.

sistema de saúde é uma das razões para maior letalidade do coronavírus entre esse grupo.

Já no Brasil, a médica Denize Ornelas observou que “se as chances de morte pela doença não dependem de raça ou cor, tem algo errado, uma outra influência neste resultado, seja o tipo de tratamento oferecido, seja alguma outra comorbidade⁵ que as pessoas negras tenham.” É importante ressaltar, que essas outras comorbidade ou outras condições em relação às pessoas negras podem ser, hipoteticamente, ao sucateamento do SUS que não consegue realizar a testagem na população. E a situação se desenrola acerca da saúde dos indígenas.

Sendo assim, a política do isolamento social tem sido um dos caminhos para evitar a saturação do Sistema Único de Saúde (SUS), assim como, promover o que os cientistas consideram o achatamento da curva, isto é, quando o número de transmissões começa a diminuir. No entanto, alguns cidadãos brasileiros têm tido dificuldades em compreender essa mensagem da ciência. Na onda do representante do Planalto, que desconsidera as recomendações da OMS e que demitiu o ministro da Saúde Henrique Mandetta, em 16 de abril de 2020 alguns brasileiros e brasileiras se arriscam, erroneamente, em aglomerações nos espaços públicos.

Em uma história das sensibilidades é preciso aprender com a experiências de outras nações que já sofreram e ainda sofrem os impactos dessa pandemia. E nesse momento da História do Brasil o presidente sem partido tem se mostrado insuficiente com os protocolos da OMS e coloca a deriva as famílias brasileiras em nome de um modelo econômico desgastado, que não garante o bem-estar de homens, mulheres e crianças. Afinal, não há economia sem pessoas.

Portanto, vamos refletir abaixo como a disciplina de Relações etnicorraciais, gênero e diversidades como um importante instrumento para combater as desigualdades sociais que assolam, amplamente, o Brasil. A Introdução deteve-se na situação da desigualdade na saúde, mas ela se replica em outras áreas da nação. E é preciso, por fim, questionar como as desigualdades sociais são um entrave para a promoção da cidadania e da dignidade.

Por um ensino pelas diversidades

⁵ As comorbidades são enfermidades outrem que o paciente pode ter, tais como: problemas cardíacos, obesidade, problemas imunológicos, entre outras.

Lançado no Brasil, em 1995, o livro *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário* do sociólogo francês Robert Castel é uma obra importante para compreender as relações sociais em uma sociedade onde o trabalho é pautado pelo salário. As páginas do livro discutem os processos produtivos de trabalho, a deterioração dos sistema de proteção do trabalhador, a disciplina do trabalhador e sua interrelação com o salário e os processos de pauperização que a classe trabalhadora é exposta na sua relação com o trabalho. Todavia, Castel ilumina um conceito relevante para pensar o cenário das diversidades. Segundo o autor:

um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoado de indivíduos em situação precária na sua relação com o trabalho e frágeis em sua inserção relacional. Daí o risco de caírem na última zona, que aparece, assim, como o fim de um percurso. É a vulnerabilidade que alimenta a grande marginalidade ou a desfiliação.⁶

Os espaços de vulnerabilidades consistem na integração e marginalização que trabalhadores e trabalhadoras exercem no meio social. De acordo com Castel, a noção de vulnerabilidade contribui para o entendimento de como homens, mulheres e infelizmente crianças como trabalhadores ativos são identificados pela sociedade. Em linhas gerais, as palavras de Robert Castel possibilitam a esquematização de duas redes, a saber: *econômico-espacial e de solidariedade*. A primeira como a profissão exercida (professor, médico, advogado, gari, ambulante, vendedor, entre outras) e a segunda como uma ferramenta de fraternidade, ajuda mútua ou comunhão.

Nesse sentido, ser vulnerável ou não é um exercício de equilíbrio entre essas duas redes. É importante mencionar, que a noção de vulnerabilidade não trabalhará, necessariamente, com o conceito de exclusão social. Ele irá enfatizar as balizas da marginalização, isto é, estar/ser à margem da sociedade. E como isso se relaciona como uma Educação para as diversidades?

Em primeiro lugar que os ensinamentos de História da África, Cultura Africana e Afrobrasileira e Indígena não foram excluídas dos programas oficiais de ensino criados no século XIX, quando se criou o Colégio Pedro II, em 1837. Afinal, a formação do Brasil passou pela presença do branco, negro e do índio. E durante a República brasileira não foi diferente. As tradicionais datas comemorativas de 19 de abril e 13 de

⁶ CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes, 1998. p.27.

maio estavam presentes nos programas escolares. A questão que precisamos lançar é: qual História da África, Afro-brasileira e Indígena se quer ensinar? Nesse sentido, é correto afirmar que nas produções didáticas e pedagógicas antes das Leis n.10.639/03 e 11.645/09 havia um quadro de vulnerabilidade das temáticas africanas, afro-brasileiras e indígenas em detrimento de uma História branca, europeia e elitista.

Por outro lado, passou-se da hora de investir em uma Educação para as diversidades. Um projeto de Educação que contemple os distintos saberes.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, no texto *Para além do pensamento abissal*, conduz uma inquietante e provocativa reflexão a respeito da qualidade dos conhecimentos. Para ele, a modernidade ocasionou a distinção dos universos de pensamento. Classificadas como o “universo deste lado da linha” e o “universo do outro lado da linha”, essas duas formas de entendimento colocam em cena as diferentes formas de leitura do mundo. Essas dualidades lembram as hierarquizações raciais entre os brancos, *sapiente*, europeus, em detrimento dos africanos, afro-americanos, indígenas ou de todo aquele não europeu.

Nessa perspectiva, o pensamento abissal configura-se como uma forma de ordenamento dos saberes. Nas palavras de Santos “o pensamento abissal moderno salienta-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções”⁷. Em linhas gerais, a identificação de um pensamento abissal constrói uma normatização entre as sociedades modernas e os territórios coloniais; as primeiras, como lugar de excelência das produções científicas, acadêmicas e culturais, enquanto os outros, como *locus* do excêntrico, folclórico e alternativo.

Nesse sentido, as palavras de Boaventura de Sousa Santos nos oferece:

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objeto ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa[,] de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem [a]os critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia. (Santos, 2007, p. 4).

⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.p. 2.

Insurgir contra essa linha abissal do conhecimento, que elege um espaço de construção do conhecimento, tem sido a função dos professores e professoras que promovem um ensino pelas diversidades no Brasil afora. A luta pós-abissal é um combate por uma Educação entrecruzada, não hierárquica, das sensibilidades e das identidades. É um empenho de disciplinas inclusivas, dialógicas e que façam esparzir conhecimentos. É uma *ecologia dos saberes*, conforme propõe Boaventura de Sousa Santos, em que é preciso romper as linhas abissais que separam os “lugares oficiais” de conhecimento dos “lugares oficiosos e não formais”. Uma ecologia dos saberes para trazer os conhecimentos de fora para dentro, não como um mero espaço de empiria, mas como forma de agregar, valorizar e interagir.

A justiça social global, como define Santos, é um campo de embate por uma autonomia cognitiva do conhecimento e dos sujeitos. E, no Brasil do presidente sem partido, a possibilidade de defender uma autonomia cognitiva assusta os setores conservadores, racistas e reacionários da sociedade brasileira, que por anos silenciaram e oprimiram aqueles que hoje rompem com as linhas de um conhecimento abissal. Questionar uma identidade essencializada, monocromática e cristalizada tem sido o desafio daqueles que acreditam ser necessária uma pedagogia da autonomia do conhecimento⁸ e das sensibilidades tão necessária em tempos de uma Educação tão desigual.

Quando se pensa em sensibilidade ou alteridade pensamos em compartilhar. E por sensibilidades, história e educação Sandra Jatahy Pesavento discorre:

Às sensibilidades competiria, pois, essa espécie de assalto ao mundo cognitivo do racional e do pensamento científico, lidando com os sentidos, as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos que obedecem a outras razões e explicações causais que não as do pensamento científico⁹

Sensibilidades será uma condição que aparecerá ao longo do texto. Não objetivo operacionaliza-la como conceito. Mas como uma ação. Fazer uma história das sensibilidades ou propor uma pedagogia das sensibilidades é arriscar seu entendimento com a generosidade do outro, com a alteridade dos sujeitos. Uma História ou Pedagogia das sensibilidades não é um mero exercício de catarse. Pelo contrário, Pesavento sugere

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. Revista Tempos Acadêmicos. UNESC: Santa Catarina, 2005. p.129.

que “mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro passível de ser resgatado pelo historiador.”¹⁰ Sendo assim, um exercício metodológico das sensibilidades requer uma leitura minuciosa para identificar onde as alteridades pululam como forma de saber.

Uma Educação para as relações étnicorraciais, gênero e diversidades é uma ação pedagógica que consiste em desnaturalizar as essências identitárias, as cristalizações dos sujeitos e os instrumentos de uma Educação tecnicista e sem autonomia da crítica. *Desigualdades, vulnerabilidades e diversidades em sala de aula* parte do princípio que é necessário incorporar os saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas como instrumentos pedagógicos nas salas de aula do Brasil. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva no texto *Aprendizagem e Ensino das africanidades brasileiras* debate que não há necessidade de se criar uma disciplina de Africanidades brasileiras nos programas de ensino das escolas brasileiras. Silva aponta que as africanidades brasileiras podem e devem estar presentes nos conteúdos, nas didáticas e nas metodologias de ensino das disciplinas. José Ribamar Bessa Freire em *Tradução e interculturalidade* vai ao encontro das palavras de Petronilha Silva quando pensa nas apropriações culturais das literaturas indígenas no universo da sala de aula.

Uma ação pedagógica para as diversidades precisa experimentar uma ecologia dos saberes como forma de romper o silenciamento das culturas. Dessa forma, é possível enfrentar uma vulnerabilidade pedagógica considerando o conceito de Robert Castel. E esse instrumento de aprendizagem precisa ser posto em prática nas séries iniciais, isto é, na Educação Infantil. Nossas crianças precisam saber que os modelos ideais – *a barbie loira, branca, rica, cabelo liso ou homem branco, sarado, heteronormativo* – não é o padrão da realidade brasileira. Será uma aula de desconstrução das identidades sociais? Lógico que não. As pesquisas em Psicologia da Educação, principalmente, Piaget e Vygotsky já provaram que as crianças têm fases de desenvolvimento cognitivo diferenciadas.

Nesse sentido, não posso desejar que uma criança faça a leitura do mundo a partir de uma adultocentralização, conforme sugere Daniela Finco no artigo *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil*. Entretanto, nossas crianças são capazes de assimilar de forma lúdica outras realidades. A sala de aula precisa ser atrativa e libertária também para as crianças negras e indígenas. Não se

¹⁰ Ibidem, p.132.

trata de ensinar apenas sobre Zumbi, Dandara, quilombos, Tupã, tupi-guaranis ou tupinambás. Como lembrou Petronilha Silva os africanos, afro-brasileiros e indígenas podem constar nas salas de aula dos currículos escolares em diálogo com os outros saberes. A Educação para diversidade é uma ação pedagógica que rompe com as vulnerabilidades.

Na Educação Infantil um dos temas recorrentes nas salas de aula é a família. Mas qual família? O/a professor/a das séries iniciais de antemão precisa ficar atento que, atualmente, existem modelos distintos de família. Em uma educação tradicional, provavelmente, uma criança de um grupo familiar homoafetivo, com pais separadas, criados por avós ou adotadas sentem-se estranhas em certas representações ou datas comemorativas. A situação piora quando levamos um padrão fechado de família para uma educação indígena e quilombola, por exemplo. Afinal, as relações familiares entre alguns indígenas e africanos é diferente do tal padrão que encontramos.

Em linhas gerais, esse cuidado na Educação Infantil é relevante pois é o momento em que a criança tem contato com as diferentes sociabilidades, isto é, com outras crianças que são diferentes dela, dos seus pais, da sua casa, do seu ambiente costumeiro. Um ensino infantil para as diversidades é uma maneira de exercitar nos brasileiros, brasileiras e nas crianças imigrantes novos olhares sobre a cultural social que os rodeia. Diversidades em sala de aula almeja abarcar as diferentes famílias. Levar esses saberes para sala de aula é mostrar aos alunos e alunas as distintas formas de relacionamento familiar. Em linhas gerais, uma Educação para as sensibilidades, que afeta e é afetada pelo outro.

Esse exercício de uma Educação para as diversidades não se resume apenas para as séries iniciais. Ela também precisa estar presente nas outras modalidades de ensino. O ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio são fundamentais para a problematização de conceitos fechados. Esses/as alunos/as apresentam outras visões de mundo e que precisam ser trabalhadas em sala de aula. Afinal, conforme previsto nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 em seu artigo segundo: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e *nos ideais de solidariedade humana*, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”¹¹

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acessado em 07mai2020.

Vamos sublinhar “nos ideais de solidariedade humana”. É essa a finalidade de uma Educação para as relações étnicorraciais, gênero e diversidades. A diferença na Educação deve ser entendida como um instrumento de rompimento dos silêncios. Sendo assim, o processo de aprendizagem precisa está baseado no princípio da valorização da diferença e reconhecimento dos múltiplos saberes. E quando se fala em silenciamento é importante iluminar a pensadora indiana Gayatri Spivak:

Para o “verdadeiro” grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação. Na linguagem um tanto arcaica do grupo indiano, a questão que se apresenta é: como podemos tocar a consciência do povo, mesmo enquanto investigamos sua política?¹²

No livro *Pode o subalterno falar?* Spivak questiona como os modelos educativos, ou melhor, os padrões culturais foram silenciando os marginalizados em detrimento de uma cultura indiana de formato britânico. A provocação da autora em indagar se o subalterno – “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.”¹³ – podem falar é uma forma de problematizar se esses mesmos extratos sociais podem falar na sociedade brasileira.

Para Spivak o subalterno não pode falar. Ele foi, sistematicamente, silenciado pelo sistema político, econômico e cultural. Sua identidade conforme ele destaca é reconhecida pela diferença. Contudo, a indiana gera uma inquietação nos pesquisadores e pesquisadoras nas suas relações com seus objetos. Afinal, quem fala: o/a pesquisador/a ou os homens, mulheres e crianças que vivem as mazelas da marginalização e da vulnerabilidade? Para ela o “subalterno não pode falar”¹⁴.

Essa afirmação abre-se uma divergência com Gayatri Spivak. Há toda uma semelhança com suas afirmações do que é ser subalterno. Entretanto, é preciso construir caminhos para que os subalternos possam falar. Nesse sentido, uma Educação para a diversidade entende que uma pedagogia das sensibilidades pode auxiliar na invenção

¹² SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p.61

¹³ Ibidem, p.12.

¹⁴ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p.126

de possibilidades para o subalterno poder falar, ou seja, criar condições para seus saberes diante uma educação abissal para lembrar Boaventura de Sousa Santos.

Entendo que a condição de subalternidade, em referência ao conceito de Spivak, não pode ser uma camisa de força. É preciso fazer que a subjetividade de homens, mulheres e crianças emergjam pelos diferentes espaços. Portanto, subalternidade e sensibilidades são noções que nos fazem compreender o universo dos indivíduos que vivem nas diferentes vulnerabilidades, como: socioeconômica, depressiva, solitária, estigmatizante, entre outras.

Considerações finais

Desigualdades, vulnerabilidades e diversidades em sala de aula é um texto/experimentação de base teórica com o objetivo de iluminar precauções metodológicas no tratamento para uma Educação que envolva os diferentes grupos sociais. Chaves interpretativas como ecologia dos saberes (Boaventura de Sousa Santos), vulnerabilidades (Robert Castel), sensibilidades (Sandra Jatahy Pesavento), subalternidade (Gayatri Spivak) foram utilizadas como forma de apresentar novas possibilidades de se pensar as caixas de ferramentas que os professores e professoras têm disponíveis para pensar a sala de aula.

O espaço de aprendizagem necessita lidar com a diferença, com a diversidade e as múltiplas identidades. Pensá-las como formas de se construir uma Educação híbrida para lembrar Castor Canclini. Uma Educação Híbrida que aglutine os diferentes saberes: africano, afro-brasileiro, indígena, dos gêneros, ou seja, das diversidades. Como afirmou-se no desenvolvimento do texto não se trata da criação de uma nova disciplina, mas de um conjunto de sabers que propiciem o pleno e amplo desenvolvimento dos nossos/as alunos/as para a vida em sociedade.

Por fim, o que se pensa com Educação para diversidade é uma pedagogia das sensibilidades, assim como, uma pedagogia antirracista que promova o diálogo, a reconstrução do discurso e da ação pedagógica e a valorização das identidades/subjetividades das culturas que compõem a sociedade brasileira. Sensibilidades e antirracismo são, portanto, os instrumentos metodológicos de ensino para docentes que desejam conduzir uma educação para diversidade nas salas de aula do país.

Aprofundando dados sobre *covid19* e relações etnicorraciais.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) reuniu no portal TurisData-RJ uma série de reportagens sobre os desdobramentos do covid19 e as Relações Etnicorracias. Segue o link abaixo:

Disponível em: <http://www.unirio.br/turisdata-rj/relacoes-etnico-raciais-e-covid-19>

Referências

BRASIL. Leis De Diretrizes E Bases Da Educação Brasileira, 1996.



CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2015.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. Revista Tempos Acadêmicos. UNESC: Santa Catarina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.